

O novo homenageador compulsivo

Carlos Honorato, Fevereiro de 2017

“...desejo, nessa hora, homenagear minha mulher,... homenagear meus filhos e netos,... homenagear as minhas noras,... homenagear meus amigos aqui presentes,... homenagear minha mulher que está aqui presente e é sempre minha companheira,... agradecer meus amigos de partido,... agradecer e homenagear as (pessoas) que confiaram em mim,... agradecer aquele que estava anteriormente neste lugar,... agradecer a minha mulher e lembrar que hoje é o nosso aniversário de casamento, foram 37 anos!,... quero por fim agradecer à Deus,... se não fosse por Deus não estaria aqui...”

Este infantil e emocionante discurso não foi de um churrasco de fim de ano, não foi do final de campeonato de futebol de várzea, não foi da festinha de aposentadoria do porteiro do edifício, não foi do mestre da escola de samba logo após o desfile na avenida, e não foi na festa de formatura do segundo grau do filho mais velho de uma família de analfabetos funcionais moradores da periferia de uma grande metrópole. Este infantil, emocionante e quase trágico discurso foi o primeiro discurso do atual presidente do Senado e do Congresso Nacional no ano de 2017. É difícil acreditar, mas é verdade. O presidente da mais importante casa legislativa nacional, no seu primeiro discurso oficial, mostrou toda a sua incapacidade de lá estar. Abrir a boca só para agradecer figuras reais e imaginárias e homenagear a família. Se tornou, desde o seu primeiro minuto no cargo, um homenageador compulsivo quando olha para os membros da sua família. É, no mínimo, lamentável que na cadeira mais importante do senado, e do Congresso Nacional, esteja um indivíduo tão desqualificado para a função.

Como seria bom para nós, nação e cidadãos, que naquela importante cadeira legislativa estivesse alguém que se preocupasse com a “vontade geral”, com o necessário novo “pacto social”, com a tão importante e tão desacreditada “sabedoria”, com a tão necessária “moralidade política” e, principalmente, com a “ética” e com a “credibilidade da classe política”.

Rosseau, no início dos anos 1700, já mostrou que a sociedade deve ser governada tendo em vista somente o interesse comum (a *volanté générale*). É lamentável que este novo senhor, que deveria governar com foco na vontade geral, só lembrou, e só lembra, da família e amigos, escancarando seu lado patrimonialista e paternalista. É lamentável!

É lamentável, também que ele nem deve saber quem é Rosseau e, por isso, poderia justificar o fato de não saber o que é “vontade geral”. Se este desqualificado e despreparado senhor soubesse quem é Rosseau já teria descoberto que um rebanho de homens com um chefe que os conduz não é um povo e sim um agregado. A situação ficaria e fica pior ainda quando este condutor (? líder?) conduz apenas os membros da sua família.

O que nos resta, nesta hora tão trágica, é que se prepara para governar a mais importante casa legislativa um cidadão, ou melhor, um homem tão desqualificado,... Fomos guindados à situação de “massa humana periférica aos agregados do senhor presidente”. Estamos longe de sermos considerados “povo” pelos “nobres” representantes legislativos. Então, que os Deuses do Universo nos protejam!